

---

# Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular.

## 7. As placas híbridas. Definição do conceito. Alguns poucos exemplos. De novo, os possíveis significados das placas

VICTOR S. GONÇALVES<sup>1</sup>

A simetria decorre de um processo mental, ele próprio provavelmente derivado da simetria orgânica bilateral. Por isso, a simetria nunca é gratuita ou deriva de um simples acaso. Tal como, aliás, a assimetria...  
*VSG, Intervenção sobre os valores e significados da simetria, UISPP, 2006*

Vejo com dois Olhos, mas nem por isso a dobrar  
*Comentário do autor, em circunstâncias irreproduzíveis*

Para o meu filho João Pedro, que, de novo  
e como é hábito, percebeu à primeira

### R E S U M O

As placas híbridas são uma variedade rara dentro das variantes temáticas que as placas de xisto gravadas apresentam. A sua definição nem sempre é simples, o que se deve à complexidade da paginação das placas. Estão, em alguns casos, próximas do conceito da «síndrome das placas loucas», coincidindo em alguns exemplares, e associam-se ao sistema organizativo da simetria axial vertical, outro tipo raro, mas representado em monumentos muito distantes entre si. Esta é a primeira apresentação de este tipo de placas, a partir de dois excelentes exemplos da Anta 1 da Herdade do Xarez (Reguengos de Monsaraz), confrontados com mais nove, provenientes da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, da Anta Grande do Zambujeiro, Anta do Monte das Pedras e do *tholos* do Escoural (Montemor o Novo). Basicamente, uma placa híbrida é a que apresenta na Cabeça, no Corpo (ou em ambos) dois motivos principais combinados. Usando os dados agora apresentados, entre muitos outros possíveis, procura-se também demonstrar a impossibilidade de as placas representarem elementos de identificação individual ou traduzirem referências genéticas. Este é o sétimo texto da série MSPOP e também mais um do Projecto «PLACA NOSTRA».

A B S T R A C T

The «hybrid plaques» are a rare variety within the complex world of the engraved schist plaques, sometimes associated to the «mad plaques syndrome», others sharing conceptions of the vertical symmetric axed plaques, rare but wide spreaded types. To make a long story short, a hybrid plaque is the one that presents an association between different motifs (generally two) in the «Head» or in the «Body» or in both. This is the very first presentation of this type of plaque and it is based in two plaques from Anta 1 do Xarez (a passage grave near Reguengos de Monsaraz, recently excavated by the author). Nine others plaques, from Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, Anta Grande do Zambujeiro, Anta do Monte das Pedras and *tholos* de Escoural are also published for the first time, in order to see some interesting parallelisms. Using the data from the hybrid plaques motifs, the author also speaks about the general meanings of the plaques, to underscore the reasons why it's not possible to consider the plaques as a reference to individual or genetic identities. This is another paper sharing the MSPOP label series and from the «PLACA NOSTRA» Project.

### Preambulando...

Aquando do estudo sistemático das placas de xisto gravadas do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, e após a definição da «síndrome das placas loucas», as placas 17 e 26 da Anta 1 do Xarez (XZ-1), entre outras, levantaram questões específicas e conduziram-me a rever de novo, para referências comparativas, os grandes conjuntos da Anta Grande do Zambujeiro (AGZ), da Anta 1 do Passo (PSS-1, a mítica «Anta A» de Manuel Heleno) e do *tholos* do Escoural (THE), nessa altura todos em curso de serem inventariados e desenhados a lápis.

No âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA» (Gonçalves, 2003a, 2003b, 2003c, 2003d, 2004a, 2004b, 2004c, 2004d, 2004e, 2005a, 2005b, 2005c, 2006; Gonçalves, Andrade e Pereira, 2004a, 2004b; Gonçalves, Pereira e Andrade, 2003, 2005a, 2005b), o arranque do *Corpus* em suporte orgânico, em colaboração com o Museu Nacional de Arqueologia, conduziu necessariamente à revisão das minhas próprias propostas, apresentadas em 2004 e 2005.

Pareceu assim útil, antes mesmo da publicação da síntese sobre as «placas CTT», redefinir e precisar um conceito que tinha avançado mais rapidamente do que é meu hábito e gosto.

Num momento em que, pela primeira vez em tempos recentes, as placas de xisto gravadas passaram a interessar subitamente outros investigadores, alguns deles náufragos de uma constante (e aparentemente infrutífera) busca de ilhas abrigadas no mar vasto da Arqueologia (e não só), parece, no mínimo, avisado dizer-se rapidamente o que se pensa e o que está em curso, antes que...

Estranhos tempos, em que a ética morre solteira, ou sem união de facto conhecida...e os cuidados preventivos são cada vez mais indispensáveis.

Prossegue assim, também, a série MSPOP, *Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular* (Gonçalves, 1989, 1993, 1995, 2003a, 2004b, 2005c), cujo próximo texto será, tudo o indica, dedicado às placas CTT.

*Os desenhos das placas foram efectuados no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA», graças ao apoio das autarquias de Évora e Montemor-o-Novo, por André Pereira e Marco Andrade. Os inevitáveis agradecimentos aos Museus de Évora e Nacional de Arqueologia, pela facilidade de acesso às colecções.*

*As fotografias que ilustram este trabalho foram todas trabalhadas em Photoshop (Suite Adobe 1), consistindo as alterações na inversão e nos retoques de contraste, havendo, em algumas raras situações, recurso às shadows e highlights. Pessoalmente, como fotógrafo de estruturas e materiais arqueológicos (ou de paisa-*

*gens ou pessoas), detesto transformar imagens, preferindo escolher ângulos e luzes. Mas o mau estado de algumas das placas, o tipo de gravação e peculiares colorações do xisto, obrigaram-me a correcções destinadas a tornar os motivos mais legíveis. As imagens mais recentes (XZ-1) foram já obtidas usando uma Nikon D2X e a objectiva micro-Nikkor do costume; as anteriores (tholos do Escoural) digitalizadas a partir de diapositivos Kodak Ektachrome 35 mm, num Nikon Super Coolscan 5000.*

## 1. Definir «placa híbrida»

Usei pela primeira vez o conceito sem me preocupar em o definir com detalhe, o que não é bom, mas se desculpa uma vez que tinha em mãos o estudo de grandes conjuntos de placas onde ele era particularmente visível, e acabariam por o exigir rapidamente, caso da Anta Grande do Zambujeiro (Évora), da Anta Passo 1 e do *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo). O que permitiria, a seu tempo, uma melhor e mais segura definição. Referi-o, no entanto, muito sucintamente a (des)propósito das placas de Aljezur, no «Glossário de termos e conceitos aplicáveis às placas de xisto gravadas, em estudo, uso e afinação no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA» (uma primeira proposta)», (Gonçalves, 2004, 2005, p. 33): «*Placas híbridas*: diz-se das placas que apresentam dois ou mais motivos dominantes no Corpo. Desconhecidas em Aljezur.».

Mas, por todas as razões (e mais algumas outras), convém agora precisar o conceito.

Basicamente, uma placa híbrida é aquela que apresenta no Corpo, na Cabeça, ou em ambos, mais de um motivo principal, *em sequência imediata* (caso da placa 17 de XZ-1, Fig. 2 ou da placa MNA 1.TE.79.20, do *tholos* do Escoural, Fig. 5) ou *intercalados* (caso de algumas placas do *tholos* do Escoural, Fig. 21) ou ainda em *simetria horizontal* (caso da rara placa MEV 5246, proveniente da Anta Grande do Zambujeiro, Fig. 4).

Convém sublinhar desde já uma primeira dificuldade: em alguns casos, a distinção entre o que é efectivamente uma intencional combinação de motivos principais no Corpo, ou um extenso Separador Cabeça-Corpo, está longe de ser simples e requer, por vezes, um conjunto de reservas particularmente volumoso.

Haveria, portanto, que definir critérios para a própria definição dos *Separadores* — ou ainda dos

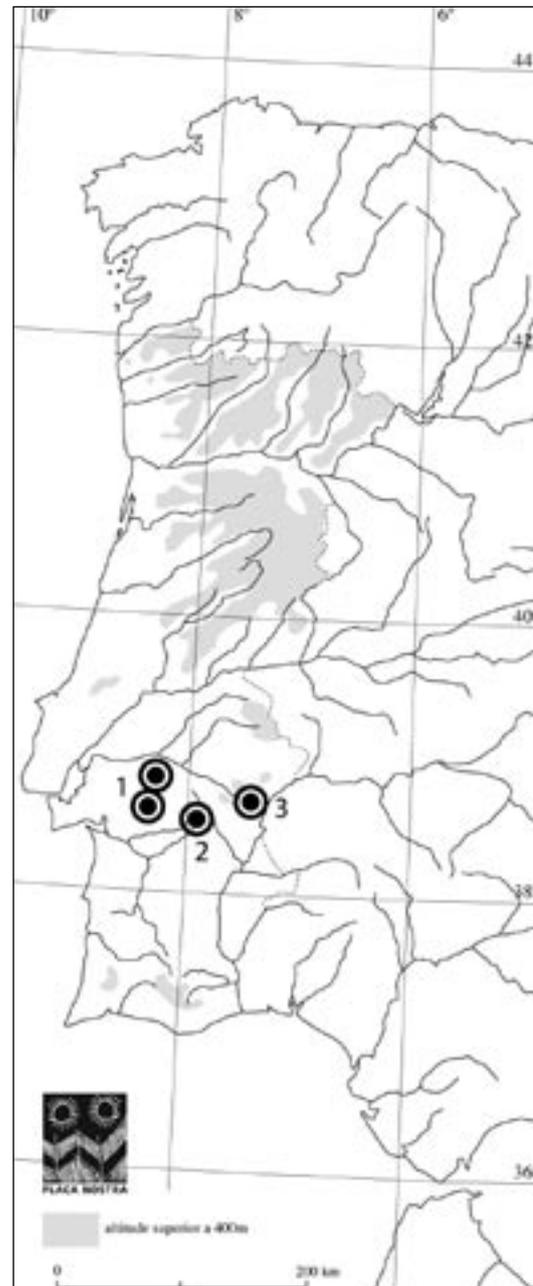


Fig. 1 Localização dos Grupos megalíticos de onde são provenientes as placas de xisto gravadas estudadas. 1: Montemor-o-Novo; 2: Évora; 3: Reguengos de Monsaraz. O Grupo de Montemor deverá ser subdividido, faltando ainda avaliar parte dos dados que o irão permitir.

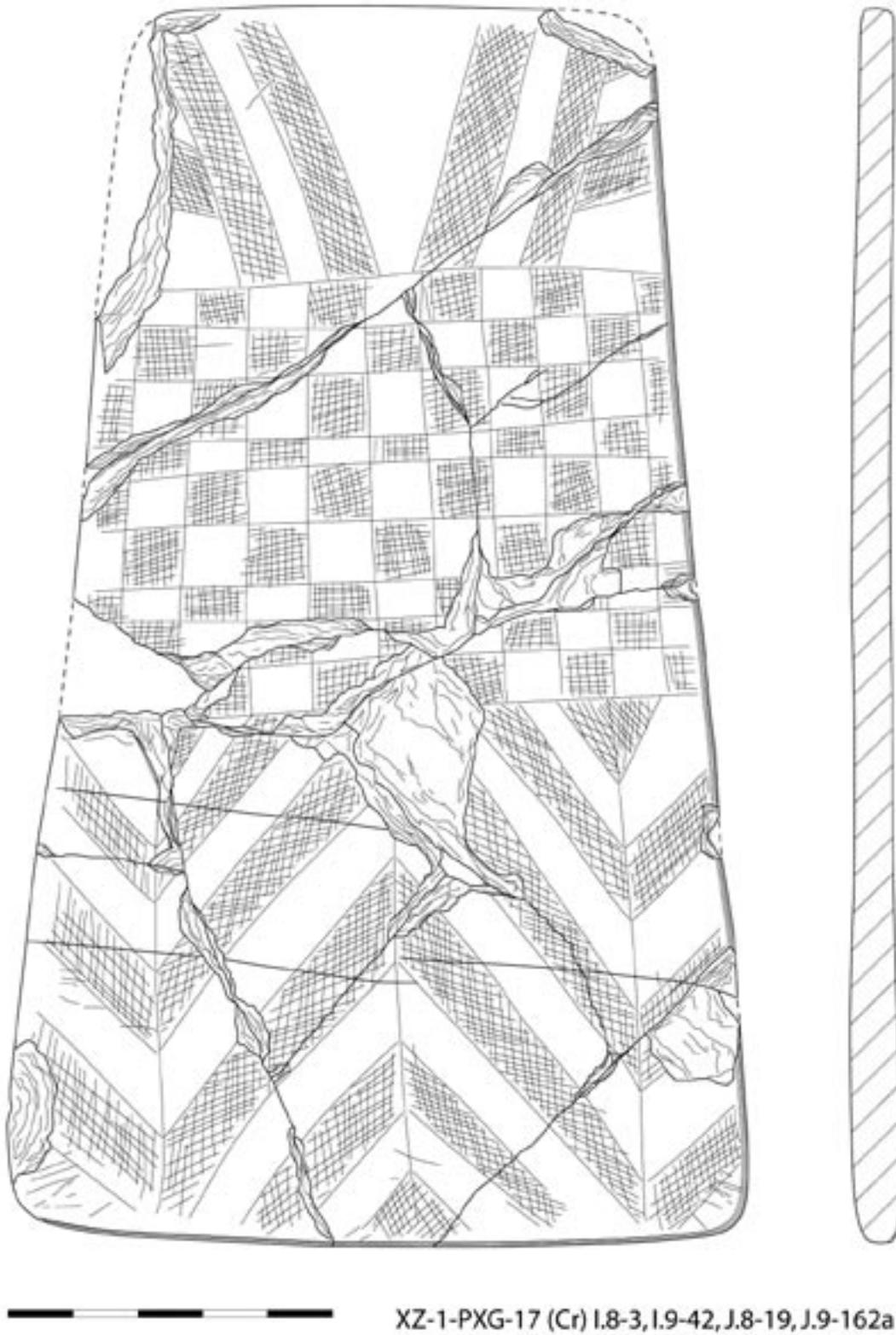
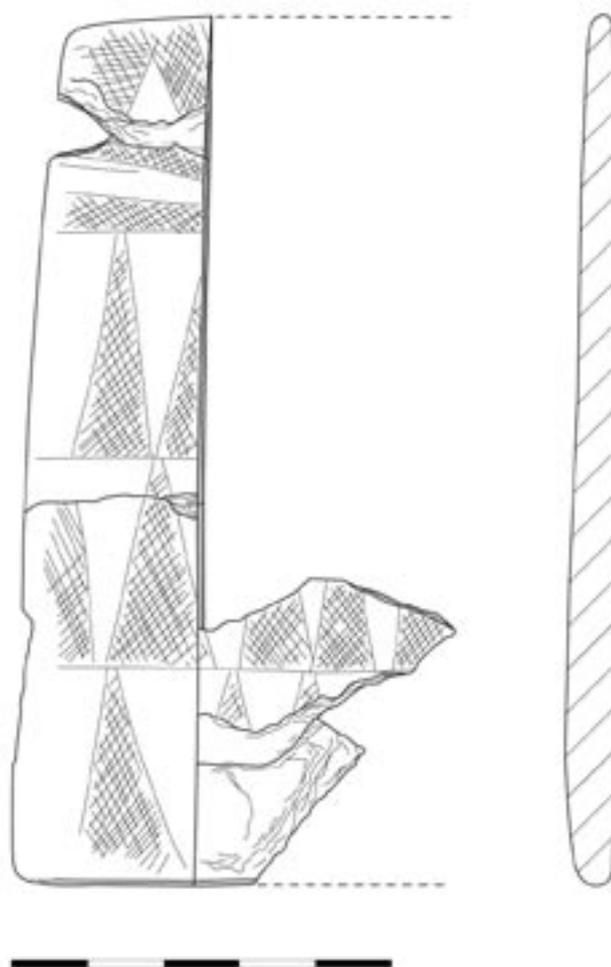


Fig. 2 XZ-1, 17, placa híbrida de Subcategoria 3 proveniente do Corredor da Anta 1 da Herdade do Xarez (Reguengos de Monsaraz).



XZ-1-PXG-26 (Tm) H.6-17, I.6-2 (EXT) ARM-5, -20

Fig. 3 XZ-1, 26, a placa híbrida de Subcategoria 2 cujos fragmentos são provenientes do *Tumulus* e do exterior da Anta 1 da Herdade do Xarez (Reguengos de Monsaraz).

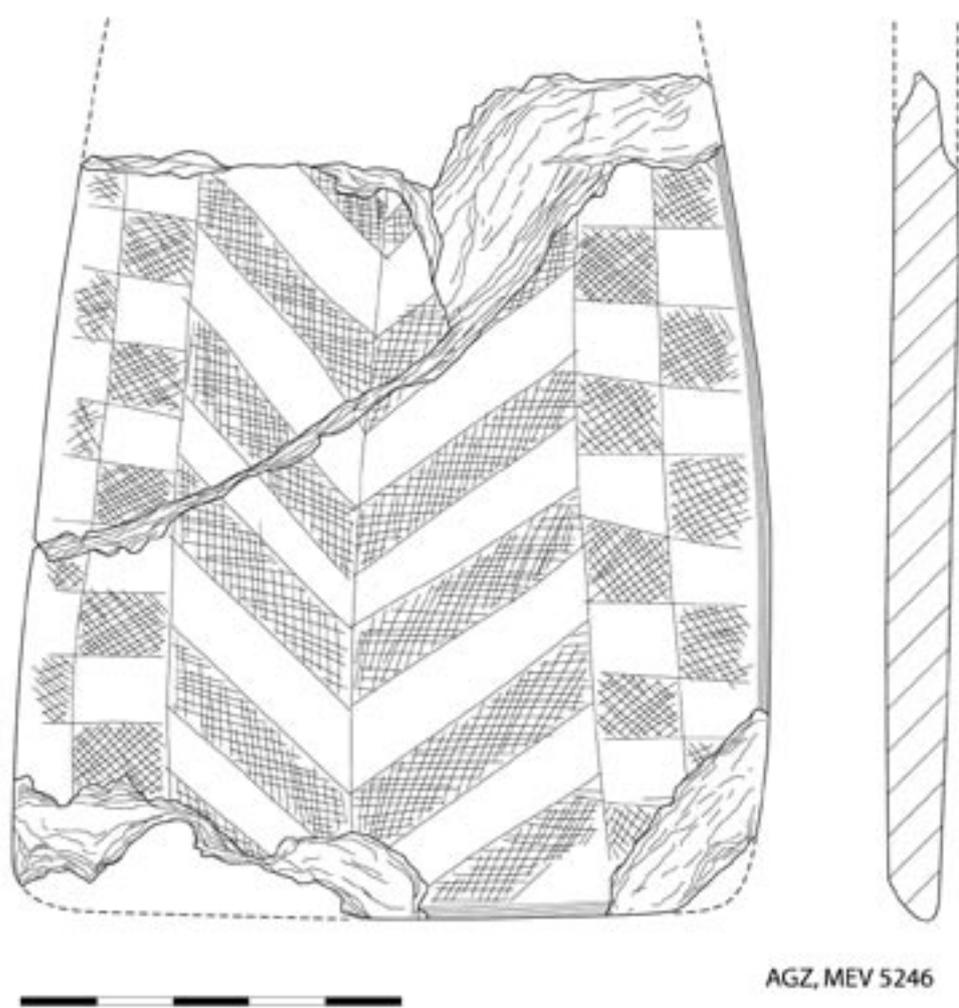


Fig. 4 MEV 5246, a placa híbrida de Subcategoria 1.2 proveniente da Anta Grande do Zambujeiro (Évora).

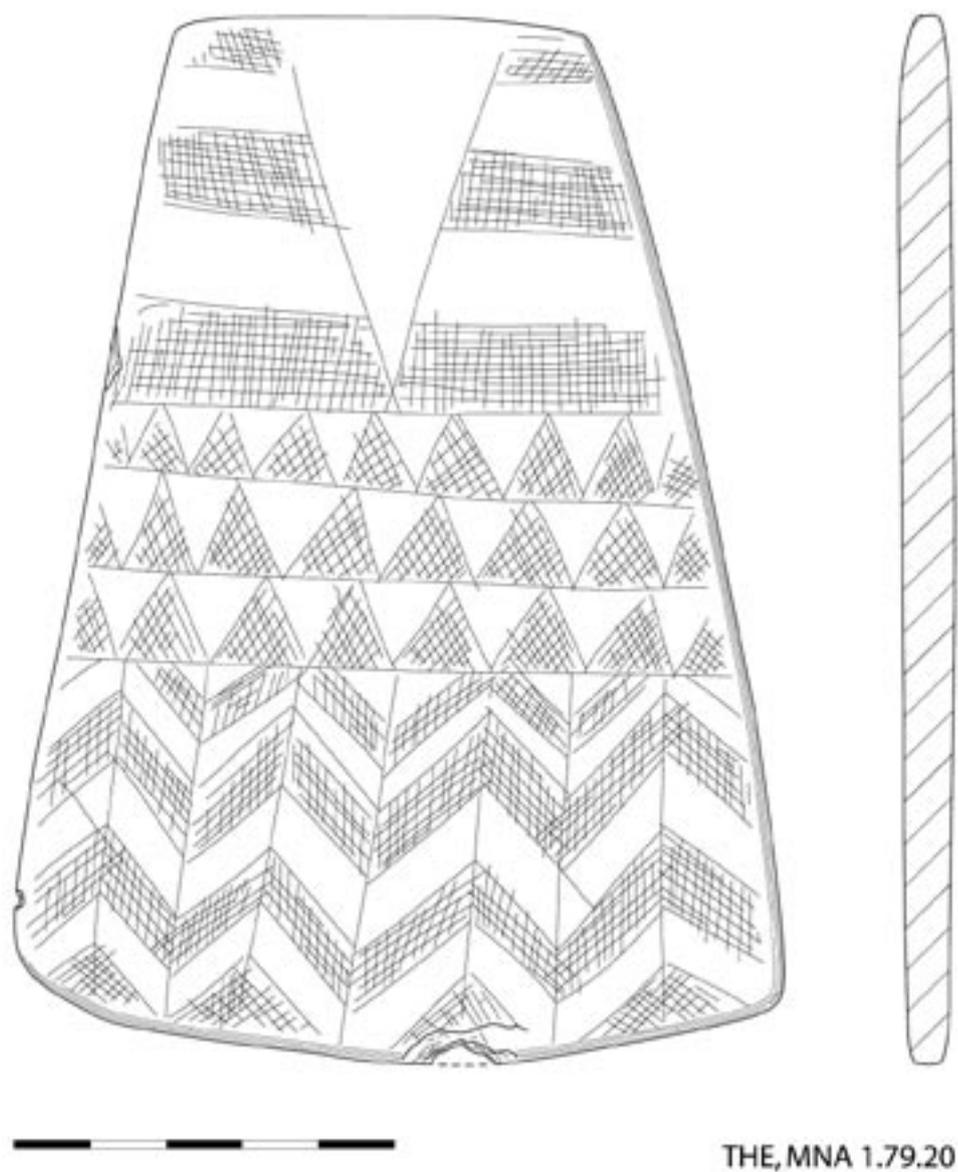


Fig. 5 MNA 1.79.20, placa híbrida de Subcategoria 1.1. proveniente do *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo).

*Indicadores de Fim de placa* — o que nem sempre é viável, sobretudo quando eles apresentam motivos idênticos aos principais do Corpo, particularmente triângulos preenchidos ou faixas zigzagueantes verticais.

Por outro lado, se os Separadores Cabeça-Corpo podem, por vezes, assumir proporções muito grandes no conjunto (ainda que habitualmente com um único motivo), os Indicadores de Fim de placa são consideravelmente constantes na sua dimensão, muito mais reduzida, mesmo nos maiores deles, que nos grandes Separadores Cabeça-Corpo.

Também se deve salientar que a hibridização de uma parte da placa pode traduzir uma acção simétrica e ordenada, dando origem a uma placa «normal», ou efectuar-se de forma a provocar assimetria no conjunto, o que, como se sabe, é o próprio fundamento da «síndrome das placas loucas» (Gonçalves, 2003a, e, aqui, Figs. 8 e 9).

Por outro lado, ainda que a situação seja também complexa, não seria errado falar do que poderia ser uma situação de hibridização extrema, a nível das placas enquanto entidade: a situação de algumas placas com gravação nas duas faces.

Normalmente, as placas gravadas nas duas faces apresentam uma face «principal» perfeitamente legível como tal e outra, o verso, onde os motivos são desordenados, caóticos, simples esboços de gravação ou claramente descoordenados entre si. Na Placa MNA 985.39.47, de Aljezur, temos uma «cena» no verso (Gonçalves, 2004 e 2005, p. 46-47 e 96-99), mas admitiu-se à partida que a sua gravação possa ter sido posterior à da face (o que é certo, a dúvida reside em *quanto tempo depois* foi gravado o verso).

No entanto, publica-se agora pela primeira vez, na Fig. 10, a placa da Anta do Monte das Pedras (um nome, aliás, singularmente adequado para referir certos monumentos megalíticos, devido ao estado a que infelizmente chegaram), uma placa de xisto gravada que representa um argumento excelente para esclarecer a inviabilidade de algumas interpretações do significado das placas, pelo que a ela voltaremos adiante. No que se refere à hibridização das placas, é, porém, uma situação peculiar, até ao momento única, e por isso talvez algo deslocada do presente plano de focagem.

Terminando este ponto, e em síntese:

Categoria: Placas híbridas — as que apresentam no Corpo, na Cabeça, ou em ambos, mais de um motivo principal, em sequência imediata, ou intercalados, ou ainda em simetria horizontal.

Subcategoria (ou Variante) 1: motivos diversos associados no Corpo da placa.

Subvariante 1: em sequência longitudinal

Subvariante 2: em sequência transversal

Subcategoria 2: motivos diversos associados na Cabeça da placa.

Subcategoria 3: motivos diversos associados no Corpo e na Cabeça da placa.

Subvariante 1: em sequência

Subvariante 2: intercalados

Subcategoria 4: duas faces de uma mesma placa paginadas e gravadas como se de duas faces principais se tratasse.

## 2. Onze placas de xisto gravadas híbridas, de XZ-1, STAM-3, AGZ e THE, exemplos de categorias contíguas ou sobreponíveis

(Para questões gerais de nomenclatura e critérios descritivos, ver Gonçalves 2004e ou 2005a). MEV – Museu de Évora; MNA – Museu Nacional de Arqueologia. As placas sem prefixo de origem resultam ou de escavações efectuadas ao abrigo das acções de minimização da Barragem do Alqueva, encomendadas pela EDIA (Xarez-1), ou de outros trabalhos (STAM-3), e não têm ainda registo museológico.

### 2.1. A placa 17 da Anta 1 da Herdade do Xarez (Figs. 2 e 12 a 16)

*Proveniência:* Corredor (registos I.8-3, I.9-42, J.8-19, J.9-162a).

*Cabeça dentro da Cabeça:* triangular, sem perfuração, com um dos lados maiores (o direito) ligeiramente encurvado.

*Cabeça:* de preenchimento híbrido, definida por duas faixas preenchidas, com outras duas, exteriores, paralelas. O campo disponível foi preenchido com duas faixas oblíquas descendentes, as do topo podendo ter sido remates.

*Separador Cabeça-Corpo:* unilinear.

*Corpo:* preenchimento híbrido, a parte superior com campo em xadrez (11 colunas e 9 linhas), a inferior com faixas ziguezagueantes preenchidas, horizontais, integrais, com três linhas-guia definindo quatro colunas. Em cima, remates triangulares na junção de C1 e C2, C3 e C4 (a junção de C2 com C3 está danificada). Em baixo, meia faixa ao centro, em C2 e C3 e remate também central, na base.

*Classificação:* placa híbrida, Variante 3.

### 2.2. A placa 26 da Anta 1 da Herdade do Xarez (Figs. 3 e 17)

*Proveniência:* Tumulus (registos H.6-17 e I.6-2) e Exterior do monumento (registos ARM-5 e -20).

Como por vezes acontece, são placas como esta, mutiladas, que maior curiosidade nos despertam, quando se afastam das «normas» de representação conhecidas para as placas e estão ausentes o que poderiam ser componentes-chave. Aqui, a curiosidade incide sobre *como* seria integralmente a Cabeça, a que falta o centro e a parte esquerda, sobretudo quando o preenchimento do seu lado direito é tão peculiar e estatisticamente minoritário.

*Cabeça:* preenchimento híbrido, área central não observável, por estar ausente do fragmento, mas o seu lado direito consiste em dois triângulos preenchidos, com o vértice para baixo, partindo do topo da placa, e duas faixas preenchidas. Esta placa entra assim na categoria das «placas híbridas», Variante 2 (motivos diversos associados na Cabeça da placa).

*Separador Cabeça-Corpo:* unilinear.

*Corpo:* bandas com triângulos preenchidos com o vértice para cima:

B1: IIB + 2 + n.

B2: 5 + n.

B3: 4 + n.

*Classificação:* placa híbrida, Variante 2.

### 2.3. A placa H.8-5 da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida

(Fig. 8, uma versão inédita da placa, desenhada por Fernando Barbosa, do CNART)

Resume-se a seguir a descrição e comentário feito a propósito da face de STAM-3, H.8-5 (Gonçalves, 2003, p. 159-166 e *Figs. 78, 79, 80, 81, 82:1 e 105. Figs. 120 e 121.*).

«De entre as placas do Corredor [de STAM-3], sobressai H.8-5, uma placa gravada em ambas faces, reaproveitada por recorte da base, com uma única perfuração bitroncocónica.

Trata-se uma placa de xisto com algumas particularidades, que justificam minuciosa análise descritiva:

(...)

#### *Descrição*

*Face* (Fig. 78 [da monografia original]):

1. gravação geométrica distribuída por uma área de topo, correspondendo à «cabeça» da placa, e à área considerada como o «Corpo»;
2. a cabeça está organizada assimetricamente, desenvolvendo-se nela motivos estruturados em função de uma área triangulóide central, provida no topo de uma perfuração bitroncocónica. Esta área não está vazia, sendo definida, à esquerda, por um traço espesso, simétrico ao que define o espaço à direita. No campo aberto central, e paralelo ao lado esquerdo, desce uma banda paralela, mas irregular, preenchida com oblíquas intersecantes. Ao traço indicador de limite de espaço da direita adossa-se directamente uma outra banda, mais irregular que a primeira e alargando no sentido cima - baixo;
3. o lado exterior esquerdo possui também três bandas, mas o espaço entre a de cima e o limite superior da placa é marcado por um triângulo de vértice para cima, preenchido por oblíquas intersecantes, que se adossa ao traço esquerdo delimitador da cabeça. Ao lado de este, o espaço rectangular é subdividido por um traço oblíquo entre dois triângulos vazios. No da esquerda, foi esboçado um pequeno triângulo de vértice para cima, com preenchimento de oblíquas descendo da esquerda para a direita. A definição de este pequeno triângulo não está completa, sendo que o sulco que o delimita na base, e à direita, é forte e nítido, enquanto o da esquerda é um traço consideravelmente mais superficial e que se interrompe antes do vértice, sendo, no entanto, ainda visíveis alguns segmentos do traçado original;
4. o lado exterior direito da cabeça está decorado com três bandas irregulares, também preenchidas, adossando-se a inferior ao traço delimitador Cabeça - Corpo da placa. Dois segmentos de círculo concêntricos, separados por 0,55 mm, poderiam configurar a representação de um olho. No entanto, o que seria logicamente o seu par não é visível na parte esquerda da cabeça da placa, pelo que talvez pudesse tratar-se de um acidente de gravação ou de um motivo que começou a ser gravado e depois foi abandonado;
5. o corpo tem a parte inferior fragmentada, mas são identificáveis duas bandas largas, que alargam da direita para a esquerda, tal como se tivessem sido traçadas por um esquerdino pouco hábil, preenchidas com seis triângulos a superior. Na de baixo, apenas são hoje visíveis quatro, mas é muito provável que, originalmente, fossem seis. Todos os triângulos têm o vértice para cima e são preenchidos por oblíquas intersecantes. A altura dos triângulos varia na banda superior (B1) entre os 31,08 mm de leitura real do presumido T-7 e os 34,96 de T-5 e os possíveis 36,13 mm de T-2. A base foi recortada, apresentando uma fractura irregular convexa;

### Comentário

Trata-se de uma placa reaproveitada (e «restaurada», por recorte da base fragmentada), a partir de uma placa original com os motivos «clássicos» das placas, gravada de um só lado, mas já com a «síndrome das placas loucas» (a este propósito, ver infra 7.5.5.10. e Gonçalves, 2003a), traduzidos pela assimetria das representações na cabeça, onde se misturam motivos diversos. Na fase inicial, teria uma altura provável de 16,5 cm. Posteriormente, a placa foi recortada na base, reduzida para uma altura de 13 cm, e gravada no verso com símbolos associáveis a uma figuração antropomórfica. O triângulo gravado no topo, e encerrando a perfuração, é similar, ainda que de menores dimensões, ao que serviu para organizar o motivo radiante do verso da placa J.8-667, inclusive no traçado ondulante da base.

(...)

A paginação da Cabeça de H.8-5, independentemente da sua complexidade, que justificou assim a discussão das várias leituras consideradas possíveis aquando da sua descrição (ver supra), baseia-se num princípio simples e numa questão ainda mais simples: se existe um plano inicial de concepção, que contém obrigatoriamente as faixas horizontais e os triângulos que desequilibram a simetria, é a sua delimitação que conta. Assim sendo, os acrescentos oblíquos (a faixa isolada e a que se adossa à área direita) são obrigatoriamente secundários, logo posteriores no processo de gravação).

Uma situação comum às possibilidades analisadas reside na previsão inicial da gravação no lado esquerdo da Cabeça da placa dos triângulos que acentuam deliberadamente a sintomatologia do desequilíbrio e ruptura do conceito de simetria estruturante que designei muito recentemente como a «Síndrome das placas loucas» (...) Não é possível qualquer dúvida sobre a intencionalidade da inserção posterior dos dois triângulos, uma vez que as três faixas horizontais do lado esquerdo são construídas assimetricamente às do lado direito *justamente para eles ganharem espaço para serem aí gravados*. A «Síndrome das placas loucas» não tem que ver com gravações de segunda fase nas placas, são um evidente resultado de um planeamento específico. E esta placa é disso uma das provas disponíveis.».

Classificação: placa híbrida, Variante 2.

### 2.4. A placa MNA 1.79.31 (Tholos do Escoural)

(Fig. 6)

*Proveniência dentro do monumento:* desconhecida.

*Cabeça dentro da Cabeça:* triangular, com uma perfuração, definida por duas faixas radiantes, de diferente espessura, a da direita preenchida com reticulado, a da esquerda irregularmente preenchida.

*Cabeça:* de preenchimento híbrido, com duas faixas radiantes que definem a *Cabeça dentro da Cabeça* e dois pares de faixas ligeiramente oblíquas, reticuladas.

*Separador Cabeça-Corpo:* duas faixas, a de cima com triângulos (alguns preenchidos) e outra, reticulada. O Separador interrompe-se ao centro, dando passagem ao eixo central, cujo «efeito gravata» se prolonga até à junção com as duas faixas que delimitam a *Cabeça dentro da Cabeça*.

*Corpo:* preenchimento híbrido, com o campo dividido no sentido longitudinal pela «gravata», desenhada com três linhas convergentes, elas próprias definindo dois campos trapezoidais muito alongados, preenchidos com linhas oblíquas. Várias delas convergem, evidenciando que se procurou um efeito de linha quebrada.

Classificação: placa híbrida, Variante 3, registando a «síndrome das placas loucas».

### 2.5. A placa MNA 1.79.43 (Tholos do Escoural) (Fig. 9)

*Proveniência dentro do monumento:* desconhecida.

*Cabeça dentro da Cabeça:* triangular, com uma perfuração, definida por duas faixas radiantes, preenchidas com linhas oblíquas.

*Cabeça:* duas faixas horizontais, uma de cada lado, preenchidas com linhas oblíquas, não sendo impossível a existência de outro par, acima.

*Separador Cabeça-Corpo:* unilinear.

*Corpo:* preenchimento híbrido, com o campo dividido no sentido transversal, a parte superior com motivo em xadrez (seis colunas — a primeira incompleta — e quatro linhas), a inferior consistindo numa banda de triângulos preenchidos com o vértice para baixo.

*Classificação:* placa híbrida, Variante 1, ainda que a banda de triângulos se pudesse interpretar como um *Indicador de fim de placa*, situação que foi afastada pelo facto de altura da banda ser considerável, pouco menor que a do campo de xadrez (3,5 contra 3,8 cm).

### 2.6. A placa MNA 1.79.8 (Tholos do Escoural) (Fig. 12)

*Proveniência dentro do monumento:* desconhecida.

*Cabeça dentro da Cabeça:* trapezoidal, sem perfuração, definida por duas faixas radiantes, preenchidas com reticulado.

*Cabeça:* 4+5 faixas horizontais, preenchidas com reticulado, não sendo impossível a existência de uma quinta (ou remate) do lado direito, em cima, área actualmente danificada.

*Separador Cabeça-Corpo:* uma faixa horizontal reticulada.

*Corpo:* preenchimento híbrido, com o campo dividido no sentido transversal, a parte superior com motivo com duas bandas de triângulos afrontados (com o vértice para baixo na primeira banda e para cima na segunda), a inferior consistindo em faixas verticais reticuladas sobre campo aberto.

*Classificação:* placa híbrida, Variante 1.

### 2.7. A placa MNA 1.79.63 (Tholos do Escoural) (Fig. 13)

*Proveniência dentro do monumento:* desconhecida.

*Cabeça dentro da Cabeça:* trapezoidal, com uma perfuração centrada, definida por duas linhas incisas.

*Cabeça:* 4+4 faixas horizontais, preenchidas com reticulado.

*Separador Cabeça-Corpo:* uma faixa horizontal reticulada.

*Corpo:* preenchimento híbrido, com o campo dividido no sentido transversal, a parte superior com motivo com duas bandas de triângulos com o vértice para cima, a inferior consistindo em faixas verticais reticuladas sobre campo aberto.

*Classificação:* placa híbrida, Variante 1.

### 2.8. A placa MNA 1.79.20 (Tholos do Escoural) (Fig. 5)

*Proveniência dentro do monumento:* desconhecida.

*Cabeça dentro da Cabeça:* triangular, sem perfuração, definida por duas linhas incisas.

*Cabeça:* 3+3 faixas horizontais, preenchidas com reticulado.

*Separador Cabeça-Corpo:* unilinear.

*Corpo:* preenchimento híbrido, com o campo dividido no sentido transversal, a parte superior com três bandas de triângulos com o vértice para cima, a inferior consistindo em faixas zig-zagueantes organizadas por sete linhas-guia.

Classificação: placa híbrida, Variante 1.

### 2.9. A placa MNA 1.79.34 (Tholos do Escoural) (Fig. 21)

*Proveniência dentro do monumento:* desconhecida.

*Cabeça e Cabeça dentro da Cabeça:* a análise exaustiva será feita na monografia em preparação. Basicamente, duas espessas faixas encurvadas, quase «Orelhas de Coelho», ritmam a construção do conjunto central com dois componentes de «franja» no topo central, uma *Cabeça dentro da Cabeça* vagamente quadrangulóide, delimitada em baixo por uma alta faixa horizontal reticulada. Os traços incisivos que definem os lados verticais da forma quadrangulóide prolongam-se para cima e são paralelos aos lados internos das faixas encurvadas. A Fig. 21 foi trabalhada em inversão, o que permite a legibilidade imediata da complexa sequência de gravação desta área da placa.

*Separador Cabeça-Corpo:* unilinear.

*Corpo:* preenchimento híbrido, com o campo dividido em três, no sentido transversal, a parte superior e a inferior consistindo numa banda isolada de triângulos com o vértice para cima, a do meio consistindo em faixas verticais preenchidas, em campo aberto.

Classificação: placa híbrida, Variante 3.2.

### 2.10. A placa MEV 5246 (Anta Grande do Zambujeiro) (Fig. 4)

*Proveniência dentro do monumento:* desconhecida.

*Cabeça e Cabeça dentro da Cabeça:* ausentes, por fragmentação.

*Separador Cabeça-Corpo:* não observável.

*Corpo:* preenchimento híbrido, com o campo dividido em três, no sentido longitudinal, a parte direita e a esquerda consistindo num campo de xadrez com duas colunas e 11 linhas, a do meio consistindo em faixas quebradas preenchidas, com uma linha-guia central, as periféricas sendo as das colunas internas dos campos de xadrez.

Classificação: placa híbrida, Variante 1, Subvariante 2.

### 2.11. A placa MNA 2003.161.1 (Anta do Monte das Pedras) (Fig. 10)

*Proveniência dentro do monumento:* desconhecida.

#### *Face 1*

*Cabeça dentro da Cabeça:* triangular, com uma perfuração centrada.

*Cabeça:* 4+4 faixas horizontais paralelas reticuladas.

*Separador Cabeça-Corpo:* unilinear.

*Corpo:* faixas zigzagueantes verticais organizadas por duas linhas-guia horizontais.

Sem remates nos eixos

#### *Face 2*

*Cabeça dentro da Cabeça:* triangular, tendendo para o «bico de corvo», com uma perfuração centrada.

*Cabeça:* 4+4 faixas, horizontais do lado direito da placa, oblíquas do lado esquerdo.

*Separador Cabeça-Corpo:* unilinear.

*Corpo:* duas bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima. Fórmula:

B1: IIB\*+4 TPCVPC+IFB\* \* equivalentes a remates de início e fim de banda.

B2: 5 TPCVPC.

Classificação: placa híbrida, Variante 4.

### 3. Comentários a uma presença discreta, contiguidades e sobreposições morfológicas, explicações (poucas e nem por isso, neste contexto, muito necessárias), de novo os significados das placas de xisto gravadas

De raras serem as placas de xisto gravadas híbridas, não surpreende que tenham passado despercebidas (o que, aliás, igualmente aconteceu até há muito pouco tempo com a «síndrome das placas loucas», as placas CTT, as placas com simetria por eixo vertical e as de simetria radiante, e ainda várias outras situações actualmente em apreço). Tal se deve certamente ao pouco interesse na análise estrutural das placas, apesar da profusão com que foram publicadas, enquanto artefactos, frequentemente sem grandes comentários (ou sequer descrições sérias...).

Também deve ser sublinhado que a ausência de monografias sistemáticas sobre os principais monumentos com placas perturbou as leituras, tal como a inexistência de análises contextuais para as associações de placas com outros artefactos, traduzindo ritos específicos ou criando referências cronológicas firmes, contribuiu para o estado da situação até ao arranque do Projecto «PLACA NOSTRA» e do *Corpus* actualmente em curso de execução. E se no *Corpus* escolher começar por três grandes monumentos, a Anta Grande do Zambujeiro, a Anta 1 do Passo e o *tholos* do Escoural, tal se deve à necessidade urgente de possuir visões globais sobre grandes conjuntos de onde decorram leituras estatísticas confortáveis, e não apenas baseadas em dez ou vinte exemplares por monumento. Pessoalmente, sempre preferi os pequenos conjuntos, mas os interesses e as estratégias de pesquisa nem sempre são compatíveis com os nossos gostos pessoais. E sobeja ainda a Anta 1 do Olival da Pega, publicada sob a forma básica de inventário, sem que as grandes questões que levanta tenham sido sequer abordadas, veja-se Leisner e Leisner, 1951.

São poucas, com efeito, as placas híbridas, tão poucas que fazem tornar evidente a preferência por explicações que não impliquem absurdas assunções genéticas ou linhageiras. A criatividade de um gravador de placas é fortemente limitada à partida, é certo, pela padronização das representações que as placas apresentam como motivo principal do Corpo, e que resultam indiscutivelmente de uma prescrição mágico-religiosa estruturada. Mas as placas recortadas e as placas com representações da Deusa com Olhos de Sol também não são muitas, e ancoram-se em motivos também eles padronizados, ainda que numa escala muito maior. O mesmo acontece, aliás, com as representações do Jovem Deus patentes nas placas do Bugio, da Mitra e de outros monumentos e sítios, quer de uma forma absolutamente explícita quer de uma forma referencial mais discreta.

Uma questão relacionada com as placas híbridas refere-se a uma similitude, contiguidade, sobreposição ou coincidência que se poderia estabelecer entre certos exemplares, as placas que apresentam a «síndrome das placas loucas» e as placas com eixo central vertical.

A «síndrome das placas loucas» foi oportunamente definida (Gonçalves, 2003a) e não implica necessariamente hibridização, ainda que, por vezes, ela aconteça. Com cerca de 15 cm de altura, a placa MNA 21860, proveniente da Anta 1 do Olival da Pega (Fig. 9), é simultaneamente um caso de Cabeça híbrida e de «síndrome das placas loucas», uma vez que a hibridização dos motivos apenas se faz num dos lados da Cabeça (neste caso, o direito), desestabilizando o equilíbrio do conjunto. Os exemplos de XZ-1 e de THE descritos tornam bem nítida esta situação.

Na Placa 17 de XZ-1, a hibridização é integral, verificando-se quer na Cabeça quer no Corpo da placa (Figs. 2, 14, 15). Na Cabeça, coexistem faixas radiantes com faixas oblíquas. No Corpo, duas áreas particularmente bem estruturadas, a de cima com um campo em xadrez pouco convencional (pelas linhas de quadrados ritmadas por uma de retângulos, na sequência 3Q+1R+5Q), a de baixo com faixas zigzagueantes organizadas por três linhas-guia (com remates nas junções de colunas no topo e na base).

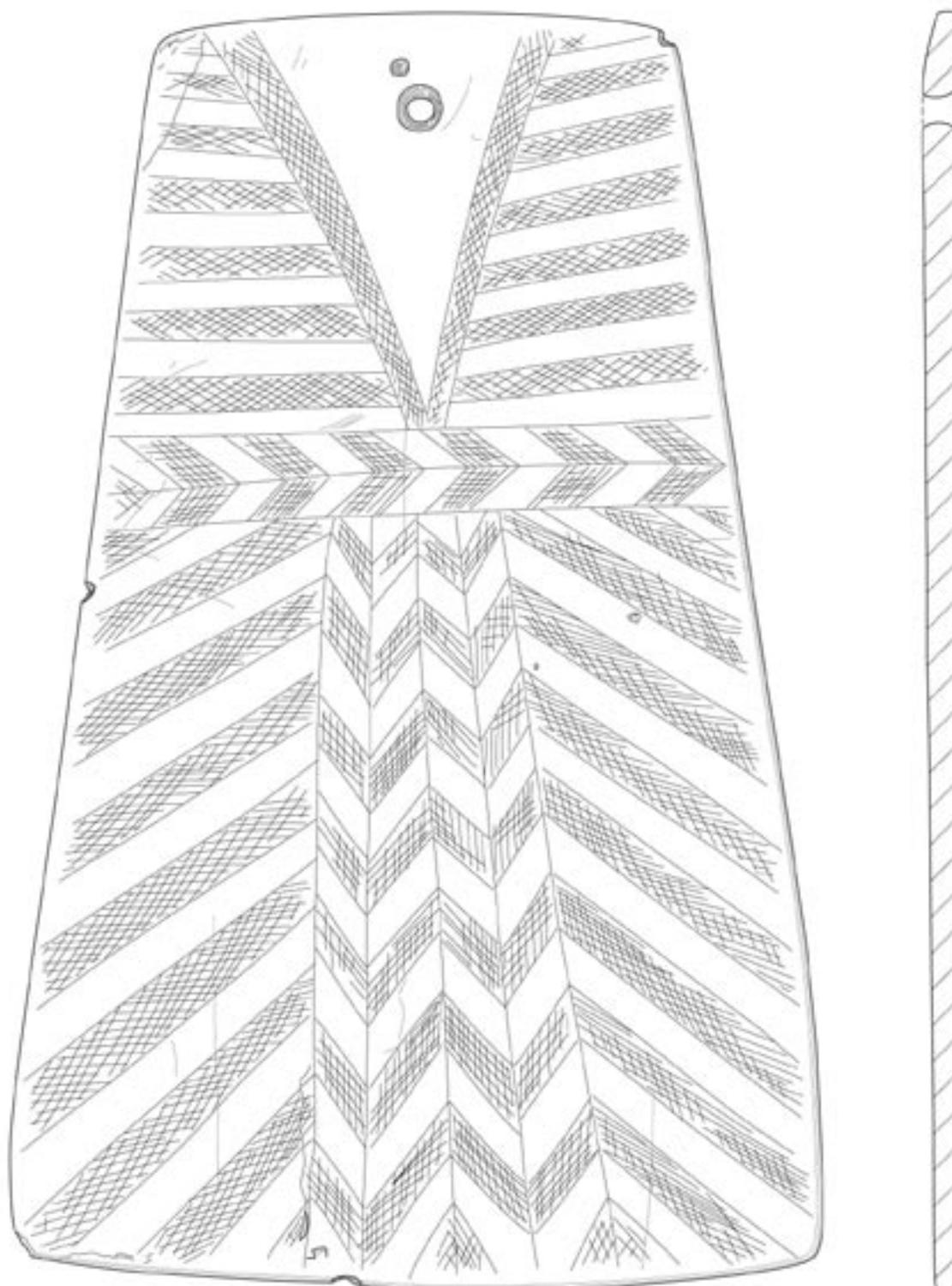
Na Placa 26 de XZ-1, a hibridização é detectável no lado conservado da Cabeça, o direito (o restante estando ausente por fragmentação) e consiste na associação de triângulos preenchidos com o vértice para baixo e faixas oblíquas. É indiscutivelmente uma placa de Cabeça híbrida, mas, pelo seu estado de fragmentação, é impossível saber se sofreria ou não da «síndrome das placas loucas».

Nas placas híbridas do *tholos* do Escoural, cujo número é superior à selecção que aqui se publica, é particularmente interessante a associação, várias vezes verificada, entre triângulos preenchidos com o vértice para cima (ou em duas faixas em que se opõem pelo vértice) e faixas preenchidas em campo aberto, um motivo mais raro que o xadrez e muitíssimo mais raro que os triângulos.

Indicariam as repetições a mão de um mesmo artesão, ou oficina de fabrico de placas? Não me parece, de modo algum, improvável.

As placas com eixo central vertical, que organiza de uma forma peculiar o espaço do Corpo da placa, são, ou não, compatíveis com a hibridização (como é o caso da placa de Aljezur MNA 985.39.46, Gonçalves, 2004, 2005, p. 45-46, Fig. 12), onde se hesita em considerar a autonomia de um eixo vertical cuidadosamente planeado como organizador de espaço, ou desmarcador de ritmo, quando o mesmo cuidado não foi praticado no acerto das faixas zigzagueantes. De qualquer forma, na placa de Aljezur, o «efeito gravata» do eixo vertical não põe em causa o equilíbrio da placa, nem a sua simetria, apenas vítima de um provável erro de paginação, de modo algum intencional.

A hibridização dos motivos, quando não corresponde à concepção simétrica tradicional, pode ou não estar associada à «síndrome das placas loucas» (SPL), bem visível na face da placa H.8-5, de STAM-3 e na extraordinária composição do Corpo da placa MNA 1.TE.1.79.31, proveniente do *tholos* do Escoural, que associa em si três categorias de placas (um verdadeiro *record*):



Aljezur, MNA 985.39.46

Fig. 6 A placa MNA 985.39.46, proveniente dos sepulcros colectivos de Aljezur, com uma possível variante do «efeito gravata».

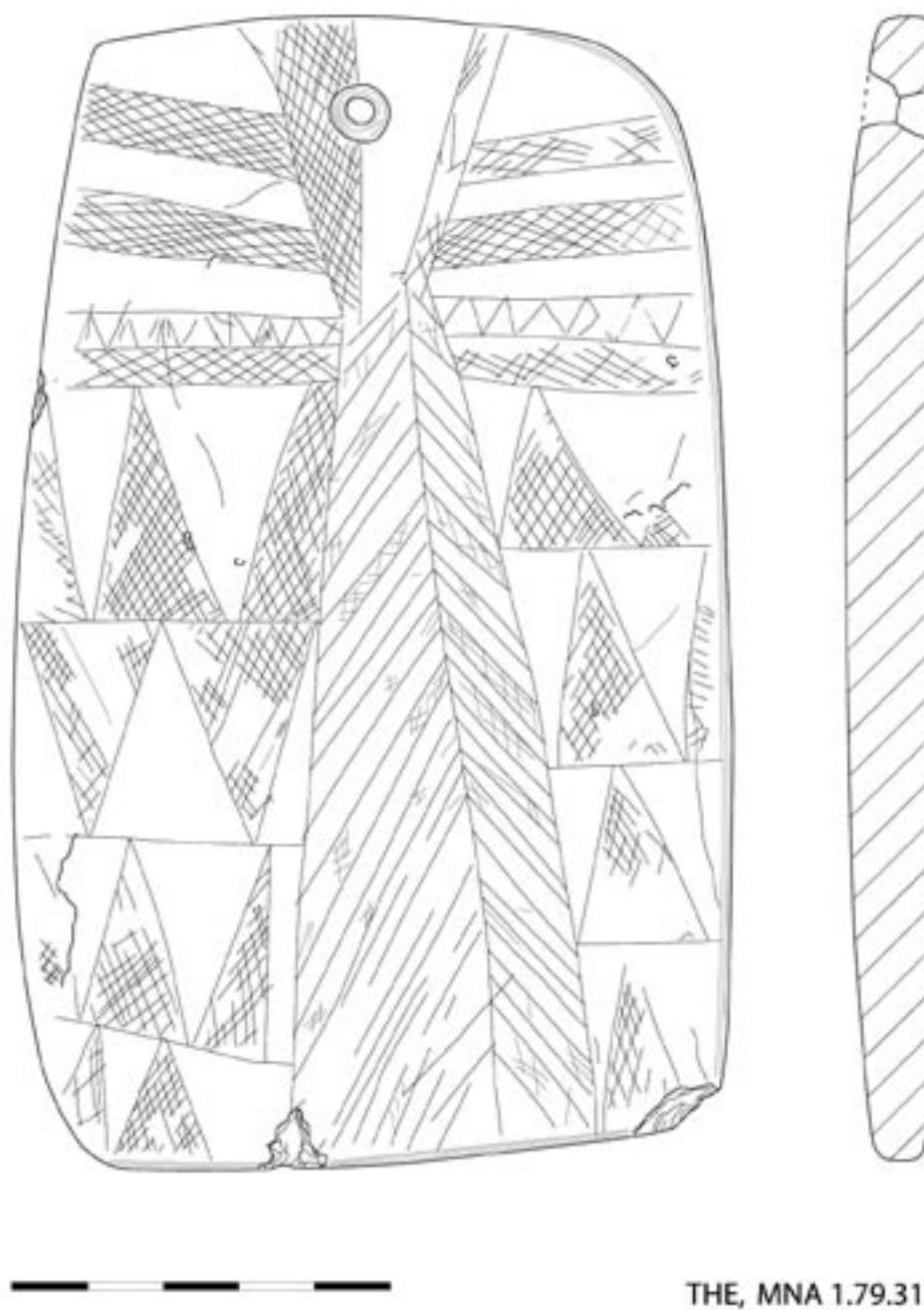


Fig. 7 MNA 1.79.31, placa híbrida de Subcategoria 1.2, afectada pela «síndrome das placas loucas» e com o «efeito gravata», proveniente do *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo).

1. «Síndrome das placas loucas»;
2. hibridização de motivos no Corpo;
3. eixo central vertical, organizador da (as)simetria do Corpo.

Também a placa MEV 5246, proveniente do conjunto da Anta Grande do Zambujeiro, merece referência especial, uma vez que é um excelente exemplo de como a hibridização não implica necessariamente a «síndrome das placas loucas», particularmente pela extrema preocupação com a simetria que apresenta. Ao ponto de haver correspondência simétrica entre a localização dos quadrados preenchidos quer no lado direito quer no lado esquerdo da primeira linha do xadrez. E ainda mais por as três linhas-guia verticais que organizam o Corpo da placa, definindo o motivo central (faixas quebradas) integrarem perfeitamente as outras duas restantes, as que organizam, à direita e à esquerda, os campos de xadrez, tendo sido certamente gravadas ao mesmo tempo. O que, para além do resto, indica a preocupação em cumprir uma paginação prévia, presente na mente do gravador ou constante de um desenho ou esboço, feito na terra, em pele, tecido ou em qualquer suporte possível.

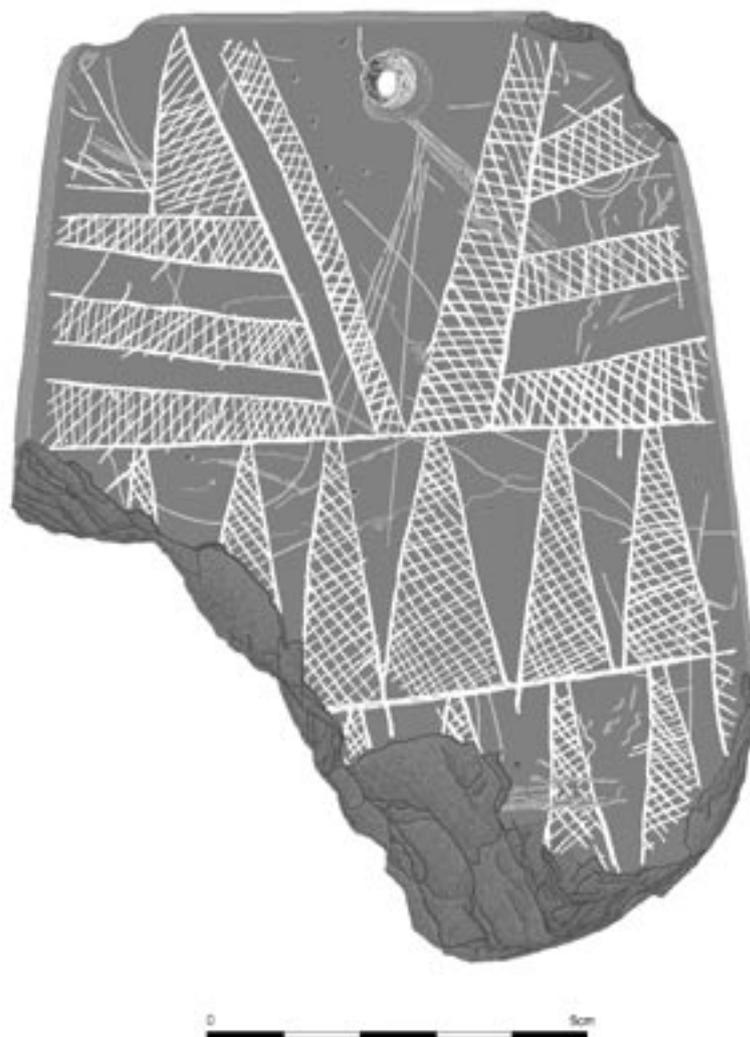


Fig. 8 A placa STAM-3 H.8-5, placa híbrida de Subcategoria 2, proveniente da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz).

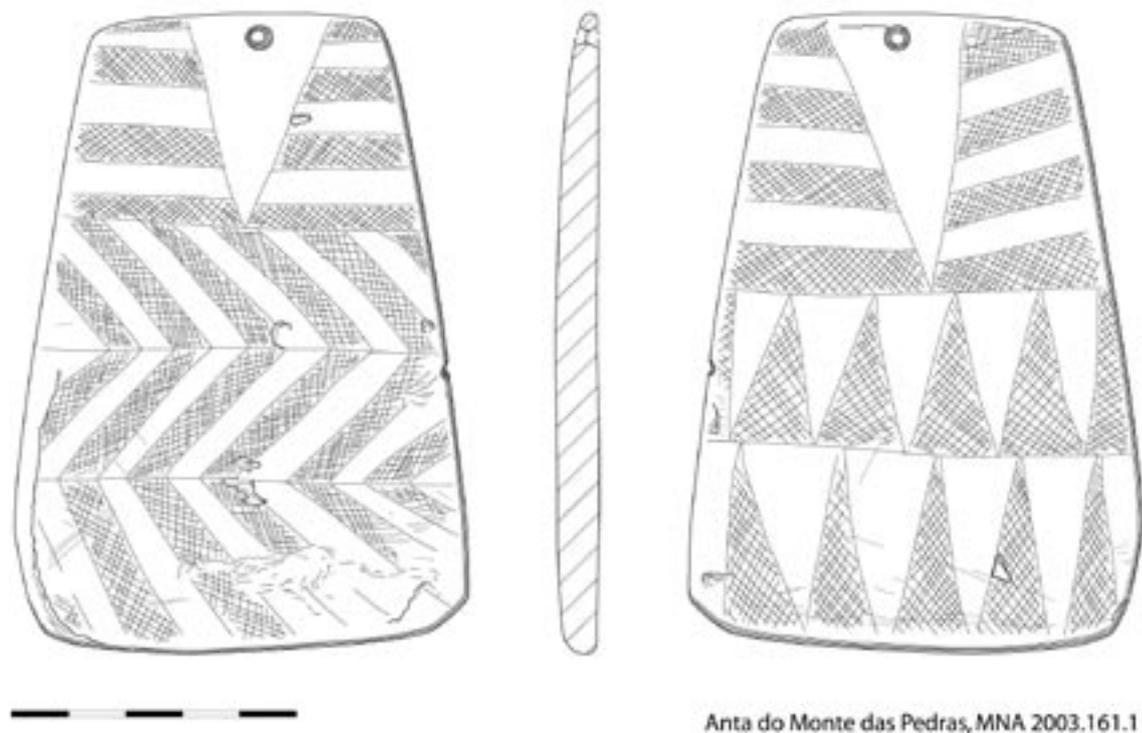


Fig. 9 Placa da Anta 1 do Olival da Pega, com a «síndrome das placas loucas», Variante 1. A placa tem 15 cm de altura num eixo central.

O que significam as placas híbridas, alguém perguntou?

O que significa a espiral céltica, a grega dos gregos, os círculos com um ponto no meio dos pastores alentejanos? Ou o labirinto?

Não são figuras, que se referem a «histórias», como o Hércules, o Odisseus ou o Aquiles dos vasos gregos, cuja força referencial era enorme e diversificada, mas incluem-se em situações muito diferentes. Um apresentam uma eventual simbólica (a espiral), outras, uma força decorativa particular (a grega) ou ainda um motivo decorativo herdado já sob uma forma não significativa, mas ainda e sempre decorativo (o círculo com o ponto no meio).



Anta do Monte das Pedras, MNA 2003.161.1

Fig. 10 A placa MNA 2003.161.1, placa híbrida de Subcategoria 4, proveniente da Anta do Monte das Pedras. As duas faces apresentam-se como se de faces principais de uma placa «normal» se tratasse, mas com motivos dominantes do Corpo bem diferentes.

E, quanto ao labirinto, o dos jardins americanos do *Shining* não é exactamente referenciável ao Minotauro, a Ariane e a Teseu...ou a sua filiação é tão longínqua que não justifica valorização. Os episódios desmontam-se, quando se conhecem, ou sobrevivem através de imagens emprestadas, como aconteceu com os irmãos Coen, que confessaram publicamente nunca terem lido a Odisseia, mas cujas Sereias (e o Ciclope), em *Oh Brother, where art thou?*, genialmente construídas, são reminiscências, derivadas de arquétipos ouvidos ou transmitidos por registos-sombra, e não por textos que forneçam o próprio mito ou mesmo a sua essência.

É hoje indiscutível que *existiu uma gramática decorativa para as placas de xisto gravadas, por vezes independente do que elas representam. O seu verdadeiro significado está contido na forma, por vezes no seu contorno e na sua paginação, e em alguns motivos explícitos. Mas, basicamente, o preenchimento faz-se com motivos padronizados, cujo significado, independentemente de existir em situações concretas, não deve ser empolado. São componentes da gramática, não frases inteiras. Quer quando surgem isolados, quer quando se associam entre si, quer quando entram em ruptura de simetria. Uma placa «clássica», uma «placa louca», uma «placa CTT», uma «placa híbrida» representam basicamente o mesmo. E as «placas com Olhos de Sol» algo não muito distante.*

A despistagem de estas situações pode, porém, ensinar-nos muito mais do que seria de esperar. Basta ver até aos limites do possível (e tentar perceber os contextos, culturais e cronológicos). Também escavando, claro, e entendendo as realidades que enquadram as placas. E aí a única variante de peso, ou acréscimo simbólico, indiciador de que algo mudou, é a presença do Jovem Deus, no seio da Mãe, ou, independente, sob a forma de figurinha de osso ou xisto.

Evitei sempre cuidadosamente comentar novas interpretações para o significado das placas de xisto gravadas (por exemplo, Lillios, 2002), até porque o aspecto «light» e «modernaço» (e não

«novo»...) de algumas delas não justificaria abrir um debate desigual. Mas, na óptica já acima referida do «antes que», e intencionalmente sem qualquer polémica, acabei por o fazer (Gonçalves, 2004a) e, neste contexto, devo acrescentar outros dados, estes realmente «novos».

A leitura das placas como elementos de identificação pessoal — já de si improvável pela sua padronização, e pela existência de placas iguais em áreas muito afastadas — fica comprometida, de forma que me parece definitiva, com a própria definição das placas híbridas. Com efeito, se considerássemos válidos os argumentos aduzidos pelos defensores, putativos ou confessos, de essa «explicação» (tanto catecúmenos como energúmenos ou penitentes...) teríamos que admitir que as placas indicariam filiações — e não identidades.

Claro que um indivíduo poderia ser filho de um progenitor do clã do xadrez (um clã escocês?... ) e de outro do clã dos zigzagues (clã adoptivo dos que não vão necessariamente a direito nos seus raciocínios especulativos?)... mas a identificação como entidade faz-se numa única área. Pode-se ser filho de um democrata e de um republicano, de um habitante do Maine ou da Nova Orleães, mas, normalmente, tem-se uma única filiação político-partidária e nasce-se forçosamente num único lugar.

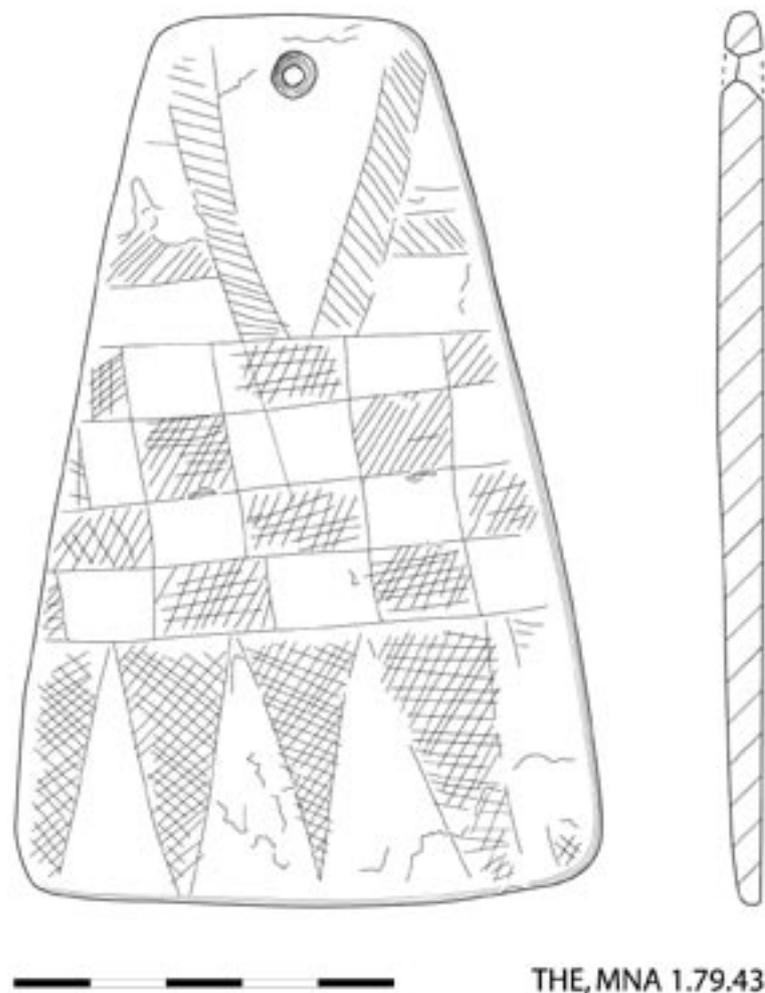


Fig. 11 MNA 1.79.43, placa híbrida de Subcategoria 2, proveniente do *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo).

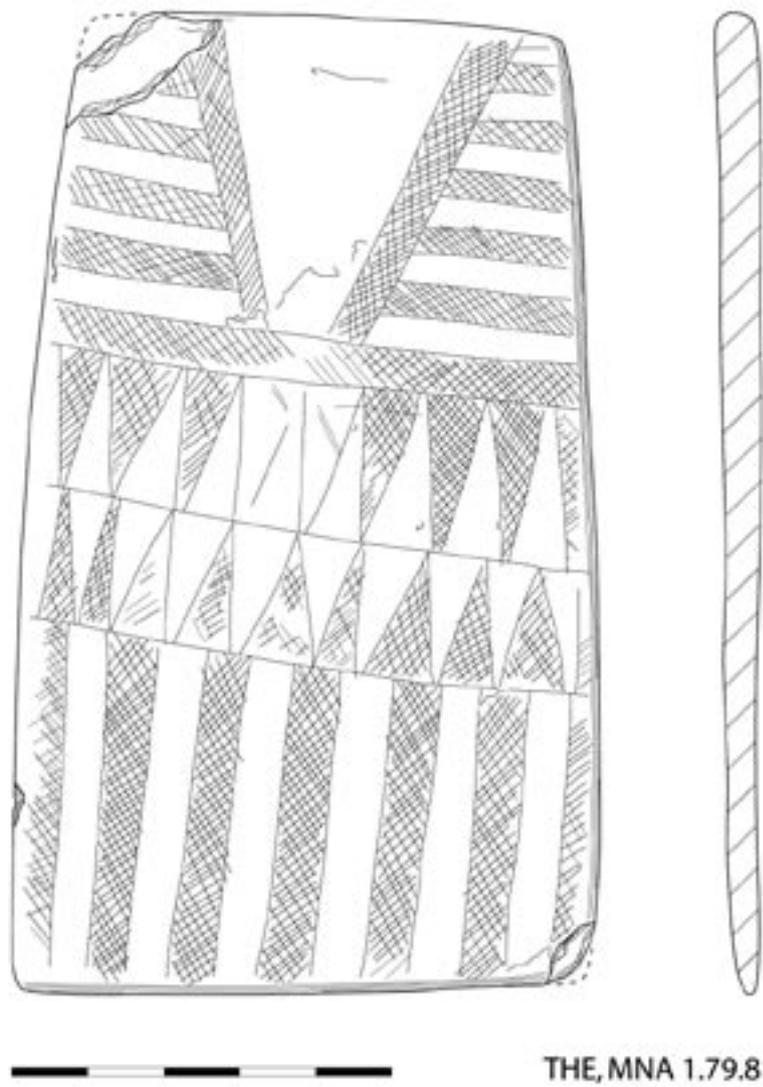


Fig. 12 MNA 1.79.8, placa híbrida de Subcategoria 2, proveniente do *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo).

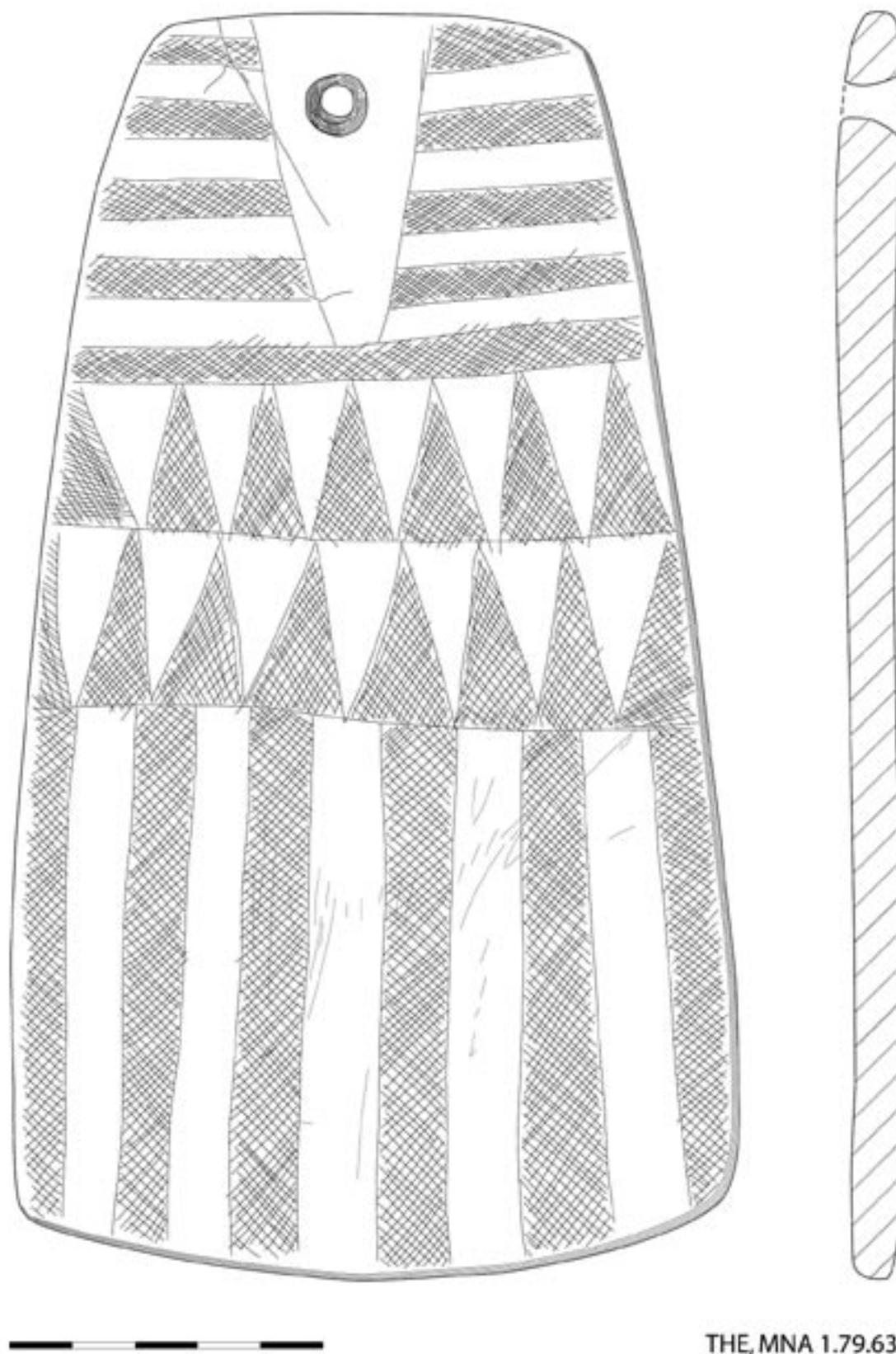


Fig. 13 MNA 1.79.63, placa híbrida de Subcategoria 2, proveniente do *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo).

Nesta perspectiva — a continuarmos nela — poderia referenciar-se uma sociedade em que os antepassados directos seriam mais importantes que o sujeito deles descendente. Ou falar de um par gerador a nível dos heróis fundadores ou dos antepassados arquetípicos, o que não parece fazer sentido em sociedades sem escrita e de memória encurtada pelos ritmos de exploração interrompidos de territórios cujos recursos se esgotam.

Ainda a nível da «placa-bilhete-de-identidade», os argumentos favoráveis a esta interpretação chocam estrondosamente com as duas faces da placa MNA 2003.161.1, da Anta do Monte das Pedras, que se apresentam gravadas com composições próprias de uma face principal, uma com faixas zigzagueantes verticais, enquadradas por duas linhas-guia, e a outra com duas bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima.

É uma placa pequenina. Seriam gémeos siameses? Ou alguém com personalidade dupla? Aqui, como noutros campos, o Dr. Segismundo seria útil e é bom nunca esquecer a observação de André Leroi-Gourhan referindo como é fácil a alguns arqueólogos substituir a cabeça do pré-histórico pela sua (que às vezes, aliás, vale bem menos).

A própria raridade das placas de xisto gravadas híbridas afasta também outras situações recentemente evocadas, as heráldicas, por exemplo, tal como a combinação de origens diferentes afastava (um membro da Casa da Cornualha não usa as suas armas ou brasão associadas à da Casa de York, apesar de estarmos aqui em plena ucronia). E num único espaço de necrópole nunca se registou uma mistura de «origens», muito menos a que certos monumentos megalíticos registariam, se assim fosse.

Quando nos encontramos perante motivos principais, ou variantes de placas, ou mesmo placas idênticas, em regiões muito afastadas geograficamente (o Algarve e o Alentejo médio, ou mesmo o Alto Alentejo, por exemplo), uma «explicação» mais facilmente se encontra em comercializações de artefactos ideotécnicos, mágico-religiosos, acompanhando outros, técnicos, em rotas de contactos e trocas distantes, que na formalização de uma identidade, ou de uma mnemónica, no momento da deposição funerária de um indivíduo.

Feliz ou infelizmente, a memória dos mortos não existe para eles, mas para os que lhes sobrevivem, e a referência colectiva de uso de um único espaço funerário é aqui o paradigma, o verdadeiro fenómeno identitário.

Se as interpretações que ligam os motivos à genética, ou à região de origem, tivessem o mínimo fundamento (que não consigo discernir, aliás, consideradas as actuais evidências), poderíamos dizer que o morto a que a bela placa PXG-17 de XZ-1 foi atribuída seria então um filho da mãe de um clã (ou linhagem) ou de uma área regional, e de um pai doutra...

Não é impossível, como quase tudo aquilo que se não consegue provar, mas outros argumentos parecem indicar não haver qualquer sentido numa asserção de este tipo. Nomeadamente o que evidencia que, para ele funcionar, no segundo caso, teria de ter existido num sistema social idêntico ao das tribos de Roma, impossível de defender como existente para uma sociedade com as características da que gerou as placas de xisto gravadas, que a tantas áreas diversas chegaram...

Como já dizia Eça de Queiroz, quando faltam as «basezinhas» (e, neste caso, se ignoram os contextos arqueológicos) tudo parece simples e possível. Ou complicado, mas descodificável. Mas por aí não vamos.

Lisboa, Inverno de 2005-2006

---

## NOTA

- <sup>1</sup> Director do Projecto «PLACA NOSTRA».  
Centro de Arqueologia (UNIARQ).  
Faculdade de Letras. P-1600-214 LISBOA. PORTUGAL.  
vsg@fl.ul.pt.  
Desenhos das placas realizados por André Pereira e Marco Andrade  
no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA». Fotografias do autor.

---

## REFERÊNCIAS E OUTRA BIBLIOGRAFIA

- GONÇALVES, V. S. (1989) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1993) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa. 5.ª Série. 15, p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1995) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 199-216.
- GONÇALVES, V. S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, V. S. (2002) - Intervenções arqueológicas em monumentos do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz na área a inundar pela Barragem de Alqueva. Um ponto da situação em fins de 2001. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 39-65.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. «A síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) - *STAM-3, A anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2003c) - *Sítios, «Horizontes» e Artefactos, estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal*. 2.ª edição revista e aumentada com dois novos ensaios. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2003d) - A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 143-166.
- GONÇALVES, V. S. (2004a) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2004b) - As deusas da noite: o projecto «PLACA NOSTRA» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 49-72.
- GONÇALVES, V. S. (2004c) - As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 22, p. 163-318.
- GONÇALVES, V. S. (2004d) - As placas de xisto gravadas da região de Évora. CD rom editado pela fundação Eugénio de Almeida.
- GONÇALVES, V. S. (2004e) - As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 22, p. 163-318.
- GONÇALVES, V. S. (2004f) - Espaços construídos, símbolos e ritos da morte das antigas sociedades camponesas no Extremo Sul de Portugal: algumas reflexões sob a forma de sete qmf. *Maimake*. Málaga. 26, p. 89-114.
- GONÇALVES, V. S. (2005a) - *As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur*. Aljezur: Câmara Municipal (texto publicado em *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 22, p. 163-318, republicado sob a forma de livro, com um estudo introdutório inédito).
- GONÇALVES, V. S. (2005b) - *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2005c) - Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 6. Duas figurações da Deusa na Estrutura funerária calcolítica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz, Évora, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Série 4. Lisboa. 23, p. 197-229.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997) - A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente peninsular. In RODRÍGUEZ CASAL, A., ed. - *Actas do Colóquio Internacional O Neolítico Atlântico e as orixes do megalitismo*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega; Universidade de Santiago de Compostela; Unión Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas, p. 609-634.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 11-104.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2003) - Novos dados sobre as práticas funerárias das antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz: o limite oriental. In *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do Megalitismo*. Actas do 2º Colóquio internacional sobre Megalitismo. Reguengos de Monsaraz, 2000. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 199-226.

- GONÇALVES, V. S., ed. (2000) - *Muitas antas, pouca gente? Actas do 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2003) - *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do Megalitismo. Actas do 2º Colóquio internacional sobre Megalitismo*. Reguengos de Monsaraz, 2000. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004a) - As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 73-96.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004b) - As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque) e da necrópole das Baútas (Mina, Amadora). *Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 22, p. 113-162.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2003) - A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 21, p. 209-244.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005a) - As notáveis placas votivas da Anta de Cabacinhitos (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 43-109.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005b) - As placas de xisto gravadas e o báculo recolhidos nas duas Antas da Loba (Nª Sª de Machede, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 5-53.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LILLIOS, K. (2002) - Some new views of the engraved schist plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 135-152.
- SANTOS, M. F.; FERREIRA, O. V. (1969) - O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3. 3, p. 37-62.



Fig. 14 XZ-1, 17, placa híbrida de Subcategoria 3 proveniente do Corredor da Anta 1 da Herdade do Xarez (Reguengos de Monsaraz). Imagem tratada em *Photoshop*.

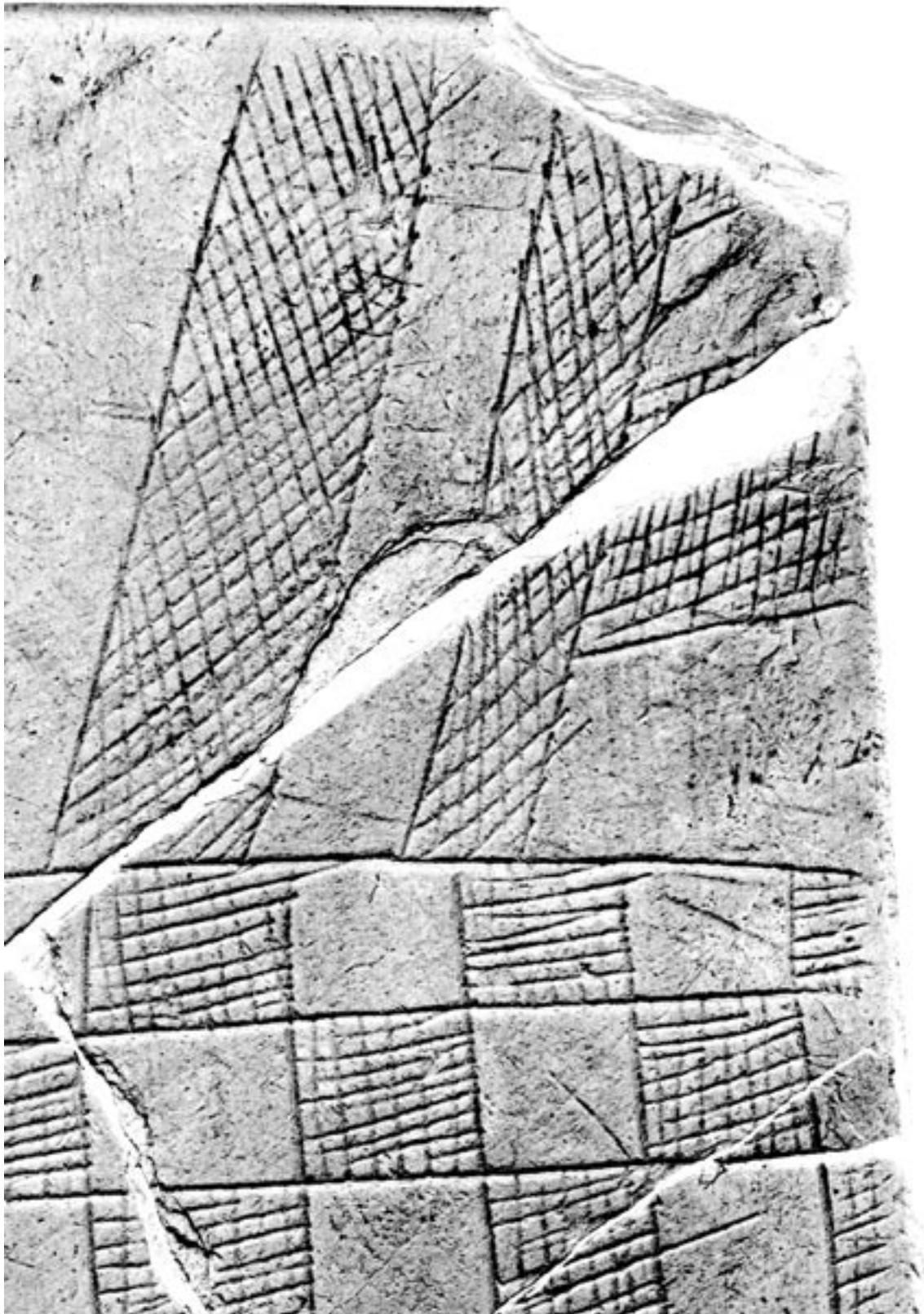


Fig. 15 O topo esquerdo da Cabeça de XZ-1, 17, evidenciando a composição no campo disponível após a definição gráfica da Cabeça dentro da Cabeça por uma faixa radiante: outra faixa radiante associada a duas oblíquas. Imagem tratada em *Photoshop*.

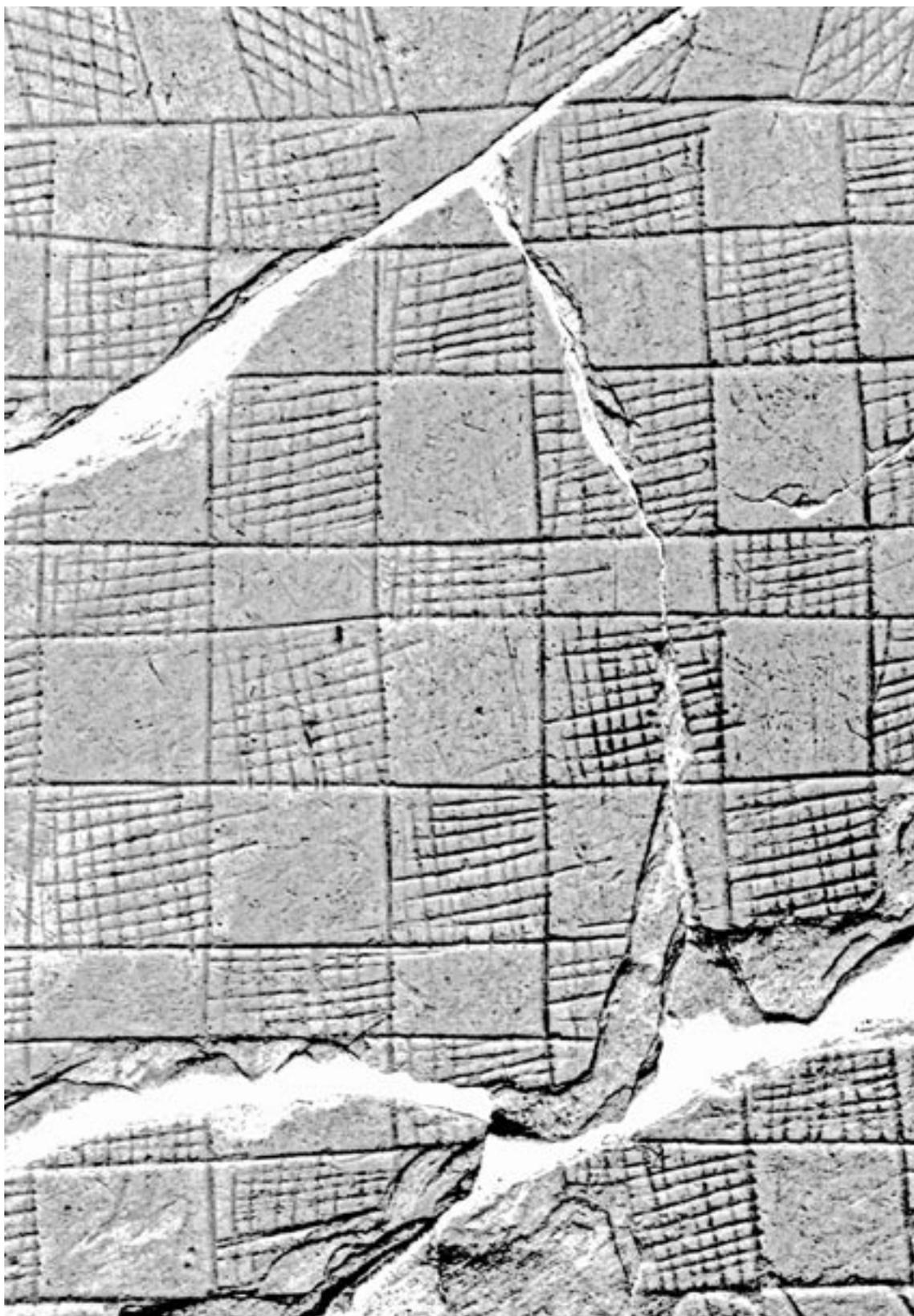


Fig. 16 Detalhe do campo em xadrez do Corpo de XZ-1, 17, com a construção cuidada do motivo e sua articulação com a Cabeça. Imagem tratada em *Photoshop*.

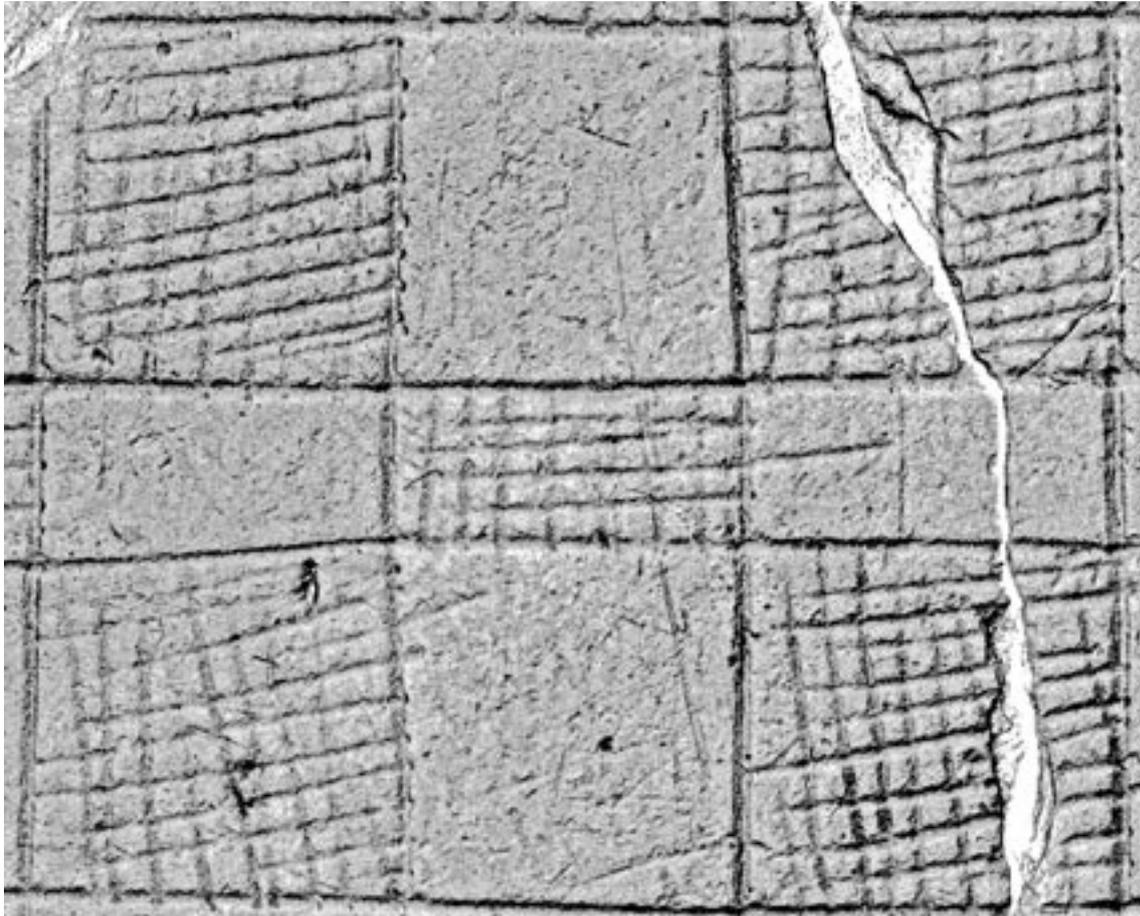


Fig. 17 Detalhe da variação de altura de uma linha do campo em xadrez do Corpo de XZ-1, 17, com a construção cuidada do motivo. Imagem tratada em *Photoshop*.

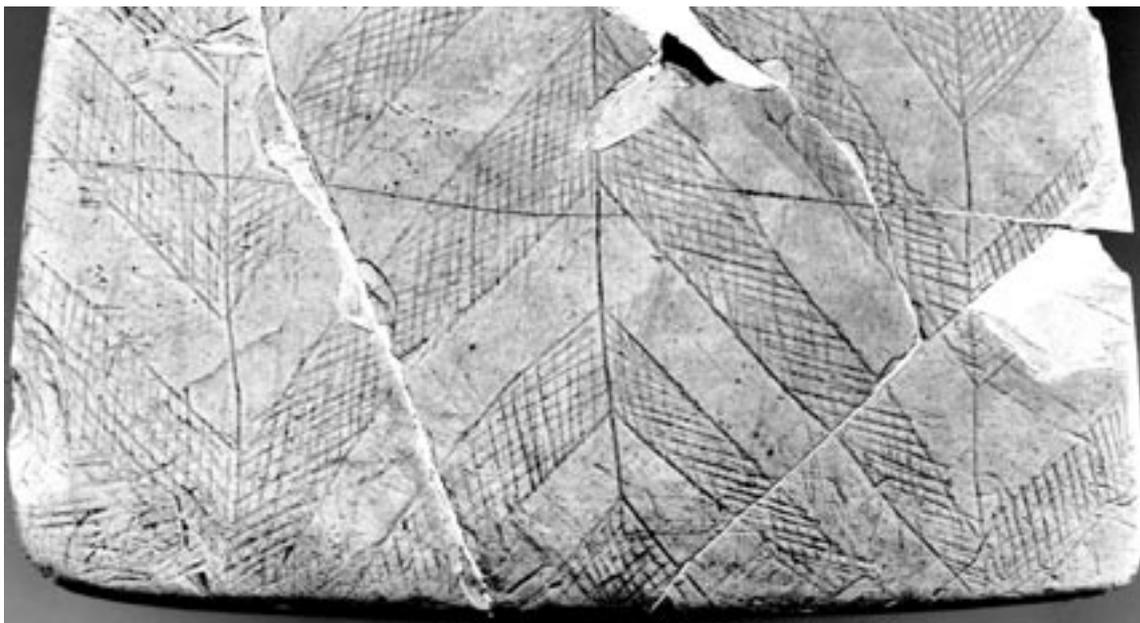


Fig. 18 Detalhe da base do campo com faixas zigzagueantes, segundo campo do Corpo de XZ-1, 17, com a construção cuidada do motivo e o remate central na segunda linha-guia. Imagem tratada em *Photoshop*.

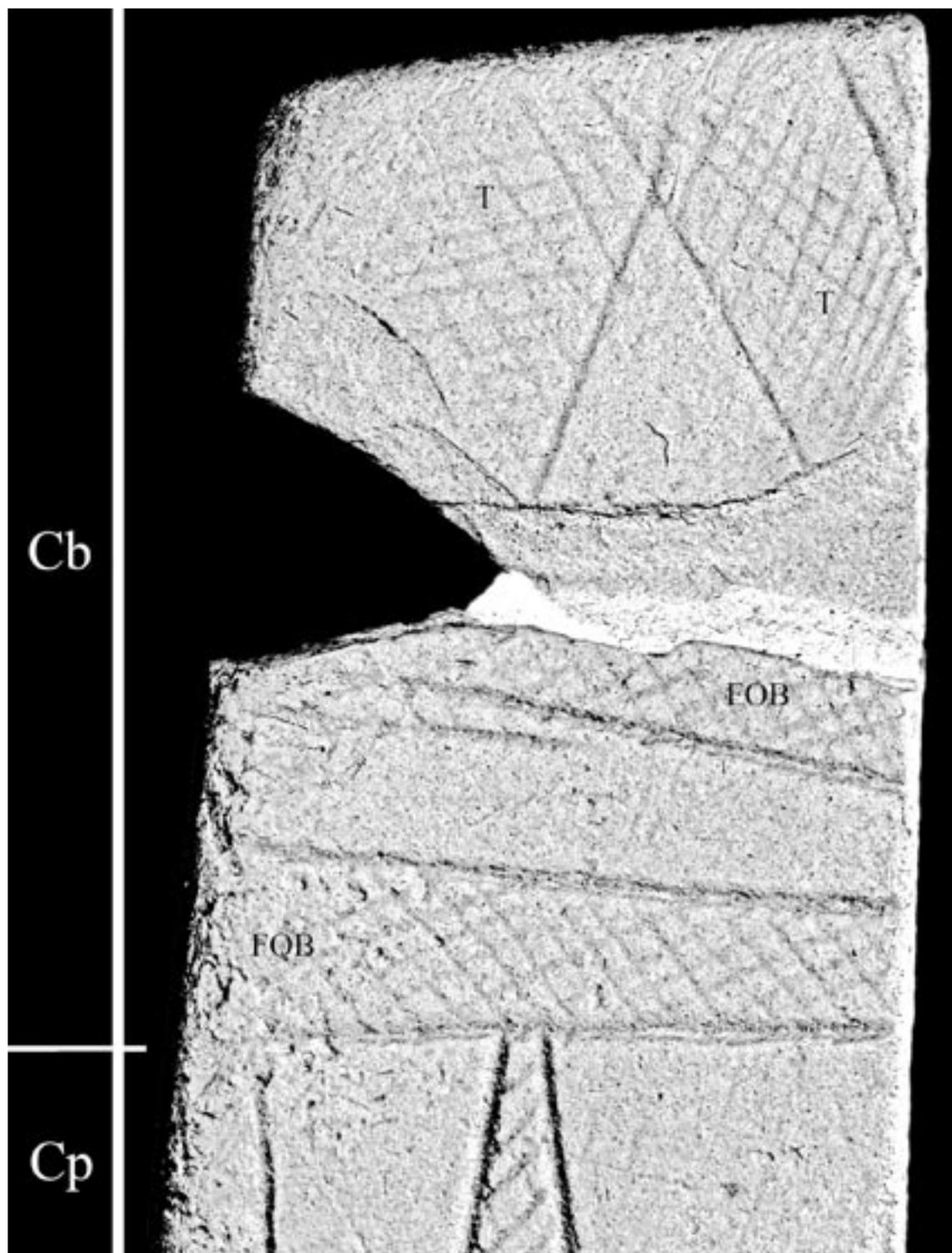


Fig. 19 O topo direito da Cabeça de XZ-1, 26, evidenciando a composição no campo conservado, com triângulos preenchidos com o vértice para baixo (T) e duas faixas oblíquas (FOB). Cb: Cabeça; Cp: Corpo. Imagem tratada em *Photoshop*.



Fig. 20 MNA 1.79.43, placa híbrida de Subcategoria 2, proveniente do *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo). As duas faixas radiantes que definem a *Cabeça dentro da Cabeça* foram consideradas como elementos definidores e não contrastantes com as faixas oblíquas. Imagem tratada em *Photoshop*.

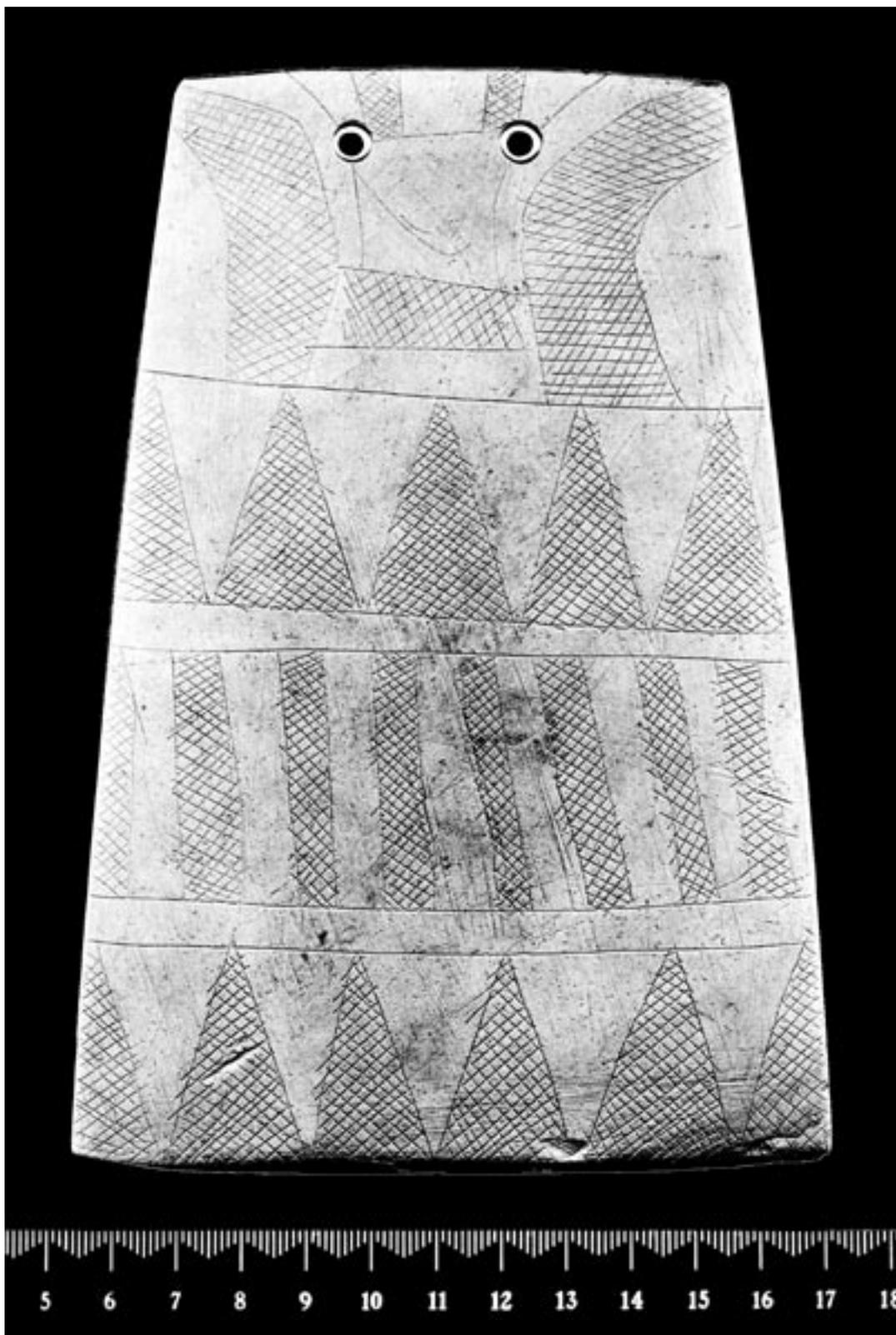


Fig. 21 MNA 1.79.34, a notável placa híbrida de Subcategoria 3.2, proveniente do *tholos* do Escoural (Montemor-o-Novo). Imagem tratada em *Photoshop*.

